

ENTREVISTA

Saída para o País é comércio externo, diz Gianetti

Economista acha que só importação e exportação maiores possibilitam desenvolvimento sustentado

ELISABEL BENOZATTI

A saída para a economia brasileira passa pelos portos ou aeroportos, segundo o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, autor do livro *Vícios Privados, Benefícios Públicos?*. Exportar mais para importar mais é a fórmula por ele defendida para o crescimento econômico sustentado do País.

Gianetti afirma que acabou a fantasia da época de Geisel, de desenvolvimento com o fechamento dos portos. A globalização não deve ser vista como uma conspiração. "O comércio exterior é a via de mão dupla para a retomada do crescimento."

Reconhece que alguns lamentos empresariais sobre o processo de abertura da economia devem ser ouvidos. Mas alerta para o fato de que parcela do empresariado fez do acesso privilegiado a Brasília seu principal negócio. "É um empresariado que olha mais para o mercado político." Defende o desmonte gradual da estufa que preserva a planta industrial para garantir sua sobrevivência. Vê com péssimos olhos a renúncia fiscal para facilitar a fusão e incorporação de bancos ainda mais que o déficit das contas públicas já chega a 4% do PIB.

O comércio externo, admite, não é a panacéia para todos os males do País. Mas é o caminho da retomada do crescimento que precisa vir acompanhado de investimento no capital humano.

Estado — É previsto um déficit de US\$ 2 bilhões a US\$ 3 bilhões na balança comercial este ano. O primeiro desde 1980. O País não está importando muito aceleramente?

Eduardo Gianetti da Fonseca — Os números não eliminam o fato de que a economia brasileira se tornou, no pós-guerra, uma das economias mais fechadas do planeta. Estamos engatinhando para reverter esse processo de fechamento. Em relação à balança comercial, a única maneira de o Brasil aumentar sua capacidade de importar é aumentando a de exportar. O comércio exterior é uma via de mão dupla. Não temos condição de sustentar um déficit grande nas contas correntes do balanço de pagamentos e para evitar que isso aconteça precisamos manter a balança pelo menos em equilíbrio senão gerando algum superávit.

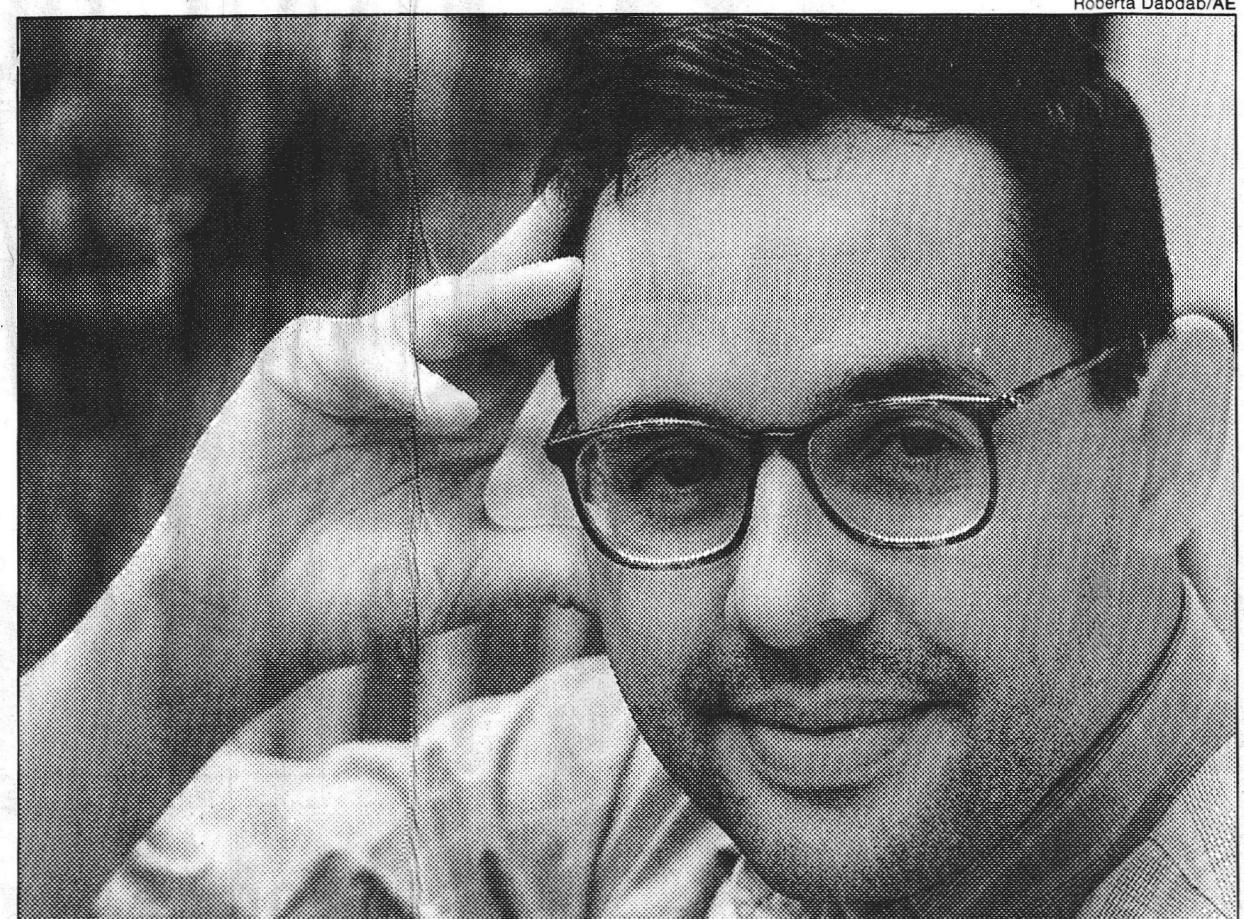
Estado — Estamos perdendo espaço no comércio exterior?

Gianetti — Sem dúvida. Em 1974, as exportações brasileiras representavam 1,4% das exportações mundiais. Em 1994, não chegavam a 1%. Na década de 70, o Brasil e a Coréia exportavam cerca de US\$ 20 bilhões. Em 1994, o Brasil exportou R\$ 43,5 bilhões e a Coréia, US\$ 100 bilhões.

Estado — É possível aumentar as exportações no curto prazo?

Gianetti — É preciso diminuir o ônus tributário que incide sobre o comércio exterior. Números da Associação Brasileira de Comércio Exterior mostram que dos US\$ 43,5 bilhões exportados pelo Brasil em 94, US\$ 8,5 bilhões correspondem a impostos. Ou seja, o principal item da balança comercial é o imposto. Significa que estamos tentando fazer com que nossos clientes no resto do mundo paguem a conta do gigantismo do Estado brasileiro. Tentamos empurrar para nossos clientes impostos que nos permitem financiar um Estado inchado e mal resolvido. Obviamente, isso é um verdadeiro gol contra econômico.

Estado — Parcela do empresariado continua alertando para os riscos da abertura econômica.



Roberta Dabdab/AE

Gianetti: queixas dos empresários são compreensíveis, mas alguns "se especializaram no choro"

Estado — O aumento das exportações seria o caminho para o crescimento sustentado da economia?

Gianetti — Não vislumbro outra saída. Não imagino como o Brasil possa crescer mais como no período do pós-guerra num modelo de substituição de importação e de economia autárquica, fechada. Não tem sentido e é até ridículo o Brasil com o porte econômico que tem participar com menos de 1% no comércio internacional. Minha avaliação é de que a grande avenida aberta para a retomada do crescimento é a via de mão dupla do comércio exterior. Exportar mais para importar mais.

Estado — Parcela do empresariado continua alertando para os riscos da abertura econômica.

Gianetti — É compreensível.

Tem setores que foram afetados. Mas é preciso lembrar também que o empresariado brasileiro se especializou nessa capacidade de chorar para mamar. O governo não pode ficar vulnerável a todas as pressões. Caso contrário, vamos continuar numa economia de caça às rendas e não numa economia realmente produtiva.

Ainda existe parcela do empresariado que vê no acesso privilegiado a Brasília o seu principal negócio. É um empresariado que olha mais para o mercado político do que para o mercado em que atua. O governo precisa resistir e fazer vistas grossas para essa

chantagem que muitas vezes acaba prevalecendo em detrimento da retomada do crescimento.

Estado — Países em desenvolvimento têm chance de competir numa economia globalizada?

Gianetti — Quem imaginaria que a Coréia do Sul, um país em desenvolvimento muito parecido com o Brasil até os anos 70, estaria liderando setores de tecnologia avançada como fornos de microondas e vendendo para um dos mercados mais competitivos do mundo como o americano? De três fornos vendidos nos EUA,

um é coreano. Não há barreira intransponível para um país em desenvolvimento participar de forma mais audaz no mercado externo.

Estado — A participação do PIB do setor estatal em países desenvolvidos como Dinamarca e Suécia chegam a 50%. No Brasil, é de 21,4%, segundo dados da ONU. Os críticos da intervenção estatal não estão exagerando?

Gianetti — O tamanho do Estado brasileiro não é só medido através de sua participação do PIB é também o grau de interferência do governo no sistema econômico. Nesse ponto o Brasil é campeão mundial em termos de intervenção. As regras do jogo econômico no Brasil estão permanentemente mudando manipuladas pelo Estado para se obter resultados de curto prazo. A política monetária, cambial, tarifas de importação, tributação, regras para consórcio, alugueis, mensalidade escolar, ou seja, qualquer mercado que se olhe no Brasil vai encontrar uma interferência muito grande do Estado. O governo tenta resolver conflitos ou impor decisões.

Estado — Desemprego surge como o grande problema nessa fase de revolução tecnológica?

Gianetti — O desemprego é um fato inescapável da economia moderna. Olhando para o futuro e especulando, acho que a própria noção do que é trabalho vai passar por mudanças profundas. O fato de que só se considera trabalho a atividade remunerada no mercado formal é um anacronismo nas condições de uma economia desenvolvida. A criação dos filhos, a preparação para que se tornem adultos responsáveis, transmitindo valores e conhecimento, não é considerado trabalho. Não existe incentivo para isso. Virou quase que uma punição o sujeito investir parte de seu tempo, atenção e empenho na criação dos filhos. Tem alguma coisa errada com o arranjo sócio-econômico que não reconhece essa atividade como sendo a mais importante para qualquer comunidade.

**TAMANHO DO
ESTADO NÃO É
MEDIDO SÓ
PELO PIB**